

3.3

Manoel Santana in memoriam:
"eu trago arco e trago flecha
pra ficar na terra alheia"

Alexandre Capatto

RESUMEN

Las narraciones sobre la vida del señor Manoel Santana presentan algunas de las experiencias personales y colectivas del pueblo indígena Pataxó en el extremo sur de Bahía, especialmente aquellas relacionadas con el territorio reivindicado como Tierra Indígena Barra Velha do Monte Pascoal y son Basado en obras escritas por su hijo José Raimundo Santana, su Patxyóí. La trayectoria de Manoel Santana muestra que, a medida que nos acercamos a las experiencias de vida de este importante líder pataxó, también entramos en contacto con sus proyectos y expectativas en el campo de la cultura, el territorio y la sostenibilidad económica y ambiental, considerados de fundamental importancia para el contexto. de las relaciones étnico-raciales en el mundo contemporáneo. Nos llevan a conocer y reflexionar sobre el protagonismo indígena en la formación de la sociedad nacional y regional, lo que puede ser visto como un recurso importante para romper paradigmas esencializantes y genéricos sobre los pueblos indígenas en Brasil, resaltando sus propias formas de actuar en el contexto étnico, comunitario y territorial.

PALABRAS CLAVE

Manoel Santana
Territorio Pataxó Barra Velha do Monte Pascoal
Líderes pataxó en el extremo sur de Bahía

RESUMO

As narrativas sobre a vida de seu Manoel Santana apresentam algumas das experiências pessoais e coletivas dos indígenas Pataxó na região do extremo-sul baiano, sobretudo, as relacionadas ao território reivindicado como Terra Indígena Barra Velha do Monte Pascoal e tem como base os trabalhos escritos por seu filho José Raimundo Santana, seu Patxyóí. A trajetória de Manoel Santana mostra que, na medida em que nos aproximamos das experiências de vida desta importante liderança Pataxó, também entramos em contato com seus projetos e expectativas no campo da cultura, do território e da sustentabilidade econômica e ambiental, considerados de fundamental importância para o contexto das relações étnico-raciais no mundo contemporâneo. Elas nos levam a conhecer e refletir sobre o protagonismo indígena na formação da sociedade nacional e regional, o que pode ser visto como recurso importante para a quebra de paradigmas essencializadores e genéricos sobre os povos indígenas no Brasil, destacando seus modos próprios de atuação no contexto étnico, comunitário e territorial.

PALAVRAS-CHAVE

Manoel Santana
Território Pataxó Barra Velha do Monte Pascoal
Lideranças Pataxó extremo sul da Bahia

ABSTRACT

The narratives about the life of Mr. Manoel Santana present some of the personal and collective experiences of the Pataxó indigenous people in the extreme-south region of Bahia, especially those related to the territory claimed as the Barra Velha do Monte Pascoal Indigenous Land and are based on works written by his son José Raimundo Santana, his Patxyóí. Manoel Santana's trajectory shows that, as we get closer to the life experiences of this important Pataxó leader, we also come into contact with his projects and expectations in the field of culture, territory and economic and environmental sustainability, considered of fundamental importance to the context of ethnic-racial relations in the contemporary world. They lead us to know and reflect on indigenous protagonism in the formation of national and regional society, which can be seen as an important resource for breaking essentializing and generic paradigms about indigenous peoples in Brazil, highlighting their own ways of acting in the context ethnic, community and territorial.

KEY WORDS

Manoel Santana
Pataxó Territory Barra Velha do Monte Pascoal
Pataxó leaders in the far south of Bahia

Apesar de herdar o sobrenome do pai, sua criação por parte de mãe o situa como um membro da família Ferreira. Maria Isidória foi neta de Vicente Ferreira e Maria Correia, pertencentes aos troncos familiares responsáveis pela formação da aldeia Barra Velha, entre o final do século XIX e início do XX (Cardoso, 2016). Esta aldeia é considerada a Aldeia Mãe para os Pataxó contemporâneos¹.

A pesquisadora Pataxó Anari Braz Bomfim (2012) descreve a presença da família Ferreira em Barra Velha entre os anos de 1930 e 1940, período de infância de Manoel Santana:

No centro da aldeia predominava a família dos Ferreira, que eram os filhos da Maria Correa e João Vicente Ferreira, que se chamavam Marcelo, Emílio, Vicentim, Epifânio, João Vicente e Rosa. Havia outras famílias como a dos Alves, Nascimento, Conceição. Seguindo o interior das matas do Monte, beirando os rios, moravam outras famílias como a família dos Braz, Santana, entre outras (Bomfim, 2012, p. 31).

No diagrama a seguir (Figura 1), podemos conhecer a árvore genealógica parcial da família Ferreira.

O trabalho etnográfico de Rodrigo Antônio Grünewald (2008) também faz referência às principais famílias responsáveis pela formação da aldeia Barra Velha e destaca alguns dos lugares frequentados e mantidos por elas:

As principais famílias Pataxó são: os Ferreira (a principal), Braz, dos Santos, Nascimento, Alves, Santana, da Conceição, do Espírito Santo, Brito etc. Essas famílias guardariam a descendência direta de famílias indígenas que foram para a aldeia no século passado [XIX] ou em meados do século atual [XX]. Os Ferreira e os dos Santos, por exemplo, seriam de Barra Velha mesmo; os Alves teriam ido para Barra Velha a partir de um lugar chamado Caveira, perto do Brejo Grande e do Ribeirão, depois do Rio Corumbau, já no município do Prado; os Nascimento eram de Barra Velha, com o “fogo” foram para o Rio dos Frades e voltaram; os Brito habitavam

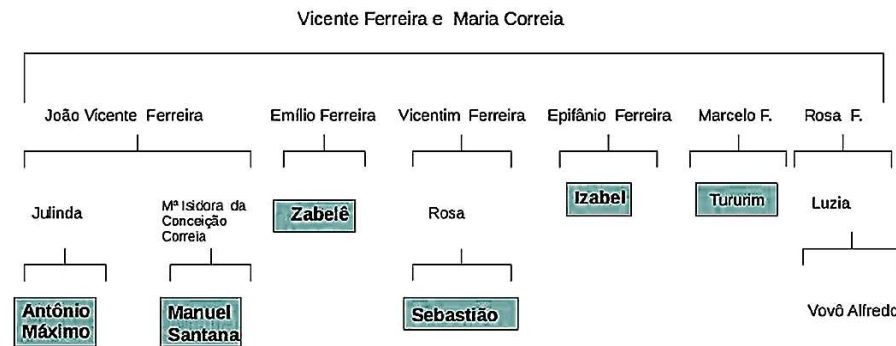
entre Barra Velha e o Rio Caraíva e começaram a se retirar a partir da década de 40 para a fundação de Mata Medonha; Espírito Santo é pessoal oriundo dos córregos e rios afluentes do rio Caraíva até Monte Pascoal, vários foram para a Coroa Vermelha passando por Juacena e outros ainda se encontram espalhados pelos locais de origem; a família Conceição também habitava as matas, porém mais próximas ao rio Corumbau (Grünewald, 2008, p. 172).

Estas narrativas destacam a centralidade da Aldeia Barra Velha entre os Pataxó e apresentam eventos marcantes desta história como os relacionados ao Fogo de 51, que será abordado adiante. Elas destacam, portanto, questões importantes sobre a territorialidade Pataxó naquele período.

Por parte de pai, Manoel Santana era filho de Alfredo Marcos Santana, que teria vindo junto com seu irmão, Bernardino, para a região de Barra Velha. Os irmãos teriam partido do nordeste da Bahia, do município de Serrinha², fugindo de uma grande seca que assolava aquela região. Orientados pelo pai, os rapazes se deslocaram para o sul do estado, onde é maior o volume de chuvas para o roçado da família (Patxyó, 2022).

No mapa a seguir (Figura 2), podemos identificar as localidades de Serrinha e Barra Velha no Estado da Bahia no ano de 1892.

² O município de Serrinha fica a 175 km de Salvador e somos informados por Lacerda (2009, p.02) que entre: “(...)os anos de 1868 a 1888, Serrinha caracterizava-se pelo predomínio da pequena propriedade de terra e de escravos, e enfrentava as constantes estiagens que castigavam toda a região. Além disso, esse contexto esteve marcado pelos momentos de crise do sistema escravista com a intensificação dos conflitos entre senhores e escravos”

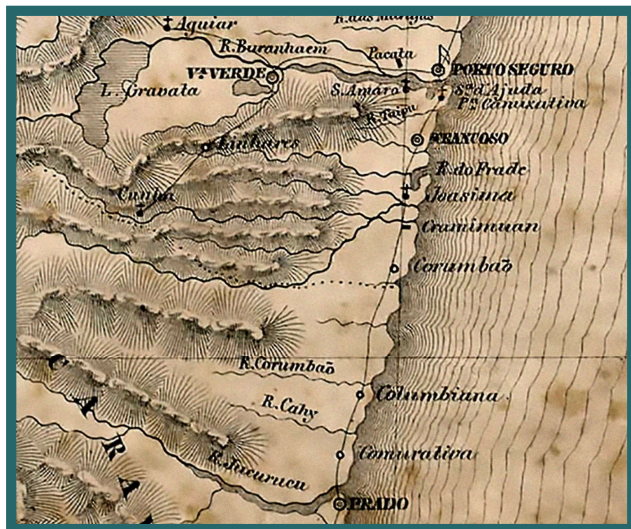


Árvore genealógica parcial da família Ferreira
Fonte — Elaborada por Arissana Braz Bomfim de Souza (2012, p. 20)

¹ Conforme a Pataxó Erilsa Braz dos Santos (2018), a aldeia Barra Velha é considerada a aldeia mãe porque todas as outras aldeias Pataxó foram formadas por famílias provenientes de Barra Velha. O Pataxó Uilding Cristiano Braz complementa esta informação ao afirmar que após o massacre ocorrido em Barra Velha no ano de 1951 houve uma grande dispersão das famílias para os municípios de Porto Seguro, Prado, Itamarajú, Santa Cruz de Cabrália e para o Estado de Minas Gerais.



Mapa Rodoviário da Bahia 1892
Fonte — Biblioteca Digital Luso-Brasileira



Rios e localidades da Comarca de Porto Seguro no ano de 1857
Fonte — Extraído da Carta Topográfica e Administrativa da Província da Bahia de 1857

A participação dos Pataxó no comércio da região e o cultivo de roças também se faz presente no relato de Maximiliano, quando descreve sua chegada à foz do Rio Caraíba em julho de 1816:

O sol já se punha quando alcançamos o vilarejo índio de Cramimouã [atual Caraíba], que foi construído, por ordem do ouvidor, num morro à margem do rio, servindo mais como destacamento militar, com o nome de Quartel da Cunha, para segurança da região. Não foi pequeno o espanto dos índios ante tão desusada e tardia visita de uma tropa carregada a esse lugar solitário. Logo se juntaram em torno para conversar conosco, enquanto a nossa gente acendia a fogueira numa cabana isolada. Vivem eles de suas plantações, da pesca no rio e no mar, tirando da floresta estopa e embira, que vendem em Porto Seguro. Sendo raras e extremamente caras, na costa, a pólvora e as balas, fazem, em parte, nas caçadas, uso dos arcos e das flechas, que vão buscar aos Patachós, nas florestas vizinhas, trocando-os por facas. Se bem tenham sido aí colocados pelo ouvidor com o fim expresso de ajudar os viajantes a passar o rio, não estão satisfeitos com o encargo, e vivem sobretudo nas suas roças situadas nos arredores (...) Os índios forneceram-nos algum peixe;

também obtivemos uns bolos de farinha de mandioca, de que já tinham prontos uma porção (Maximiliano, 1958, p.219-220).

Os encontros estabelecidos entre os mencionados “índios de Caraíba” e os “Patachós, das florestas vizinhas” para troca de armas e objetos, é bastante relevante para pensarmos as alianças políticas e comerciais entre estes indígenas num momento em que vigorava, na região, a declaração de guerra justa aos Botocudo, que eram frequentemente associados como aliados dos Pataxó (Carvalho, 1977). Na imagem a seguir (Figura 5), é possível observar a presença dos Pataxó e de outros povos indígenas na região.

No mapa (Figura 5) podemos observar os Pataxó situados ao norte do rio Grande (atual rio Jequitinhonha) e os Botocudo nas imediações do rio Caravelas, além, das inúmeras flechas desenhadas que indicam a presença indígena em toda a região.

Ainda sobre a localidade de Caraíba, o pesquisador Pataxó Ibuí Souza Nascimento cita um documento em que é possível conceber sua dinâmica econômica e social nas primeiras décadas do século XX:

(...) na data de 1920 em Caraíba já funcionava a serraria com caldeira a vapor, de propriedade do Senhor Algeiro Moura. Empregava mais de 20 pessoas nas atividades internas e, segundo o relatório o maior número de empregados eram em campo, na prática da extração de madeira nativa da região. A prática da extração de madeiras era feitas com o suporte do gado que era do próprio proprietário da serraria, que traziam enormes toras de madeiras até as margens do rio Caraíba e logo depois a correnteza se encarregava de levar os produtos até a Vila. PUTUMUJÚ, PEROBA, SUCUPIRA, CANDURÚ, JATOBÁ, JEQUITIBÁ, OITICICAL, LOURO DE CASCA PRETA, JACARANDÁ, eram espécie mais visibilizadas pelos madeireiros na época. “Caraíba contava com um ancoradouro para recarregar as tabuás e tacos produzidos na serraria” (Nascimento, 2017, p. 52).

Estas informações nos levam a compreender que a região de Caraíba, onde está situada a aldeia Barra Velha, estava em processo de transformações econômicas e sociais profundas. A extração de madeira impunha mudanças à paisagem local e às relações de trabalho e sobrevivência da população regional. As áreas devastadas com o setor madeireiro foram sendo ocupadas para criação de gado e a produção agrícola de itens como o cacau, o coco, o abacaxi e a banana. Neste período, os Pataxó tiveram seus espaços de sobrevivência reduzidos, ficando restritos às áreas de mangue e restinga e às matas que ainda restavam próximas ao Monte Pascoal, entre os rio Caraíba e Corumbão.

Sobre as experiências de Manoel Santana naquele período, o trabalho de Patxyó (2022) nos informa que ele teria passado a infância e o início de sua juventude com sua família em uma roça próxima à Caraíba, e que, então, cultivara várias roças na região. Outras formas de trabalho em fazendas⁵ e empreendimentos locais também são mencionadas em sua biografia: “(...) em sua trajetória aprendeu a fazer de tudo um pouco: pescar, serrar, carrear com boi, balsear no rio” (Patxyó, 2022, p. 13). Aqui, as atividades de serrar, carrear com boi e balsear remetem à extração e ao transporte de madeira para as serrarias instaladas na região.

Foi ainda em sua juventude que ele iniciou a formação de sua própria família. Em Barra Velha, Manoel Santana se casou com dona Adélia e logo depois foram viver em um local próximo chamado Campo do Boi, onde plantou uma roça e, com sua esposa, tiveram 4 filhos: Josias, Maria José, Nalva e Oziel (Patxyó, 2022). Neste local teriam permanecido até o início dos anos 1960, quando foi criado o Parque Nacional do Monte Pascoal, através do Decreto 242, de 29 de novembro de 1961, pelo Governo Federal.

Sob a justificativa da preservação ambiental, o Estado proibiu a presença humana onde estavam localizados um grande número de lugares tradicionalmente habitados pelos Pataxó. A partir de então, as pessoas que moravam dentro da área dos 22,500 hectares referentes ao Parque Nacional tiveram de sair. Este evento teria grave impacto no modo de vida e de subsistência dos Pataxó, pois foram privados de cultivar roças, caçar e coletar nas florestas e mangues da área demarcada.

Seu Patxyó (2022) nos conta que, nesse período, os Pataxó de Barra Velha não podiam sequer pegar lenha, e que seu Manoel Santana teve de deixar seus espaços de cultivos e habitação onde vivia com sua família:

Naquela época o governo ofereceu uma indenização para tirar o pessoal do local demarcado para o parque nacional. Eles tinham colocado um valor na roça dos índios, e na hora de pagar veio dar outro valor, muito menor que o prometido[6]. Então uns pegavam, outros não pegavam, aqueles que não aceitavam, não pegavam nada, saíam sem nada, aí ele pegou vinte e cinco (25) mil réis naquele tempo e falou: “Eu vou pegar esses vinte e cinco (25) mil réis, mas não vou sair não! Eles que tão me dando, eu vou ficar!”. Contudo, como ele morava no Campo do Boi, dentro da área demarcada pelo IBDF para o parque nacional, ele teve que se juntar aos índios que não saíram de suas terras e foi morar no combro da praia, na beira do mar (...) Neste local, os índios não tinham espaço para plantar nada, porque na praia não dá nada, ou você vive da pesca ou você vai passar fome (Patxyó, 2022, p. 16-17).

⁵ O Resumo do Relatório da FUNAI publicado no DOU em 2008 aponta que a partir dos anos 40, jovens Pataxó começam a procurar trabalhos nas fazendas e serrarias, bem como espaços de negócios, como o do Sr. Teodomiro, instalados na região (Cardoso e Parra, 2009; Kohler, 2011 apud FUNAI, 2008, p.62).

⁶ Sobre este episódio, Grünwald (2008) informa que “Já no começo dos anos sessenta, chegou o tenente Miravaldo Siquara indenizando os moradores da área, para que desocupassem o Parque” e que só foram indenizadas as plantações de coco, banana, cana, cacau e café, excluindo portanto os principais cultivos Pataxó como a mandioca, abóbora, frutíferas e animais domésticos além dos materiais e produtos extraídos da floresta como a estopa de imbirã e a piaçava(p.187).

Desta forma, diversas famílias deixaram suas roças e lugares de habitação tradicional para viverem em outras áreas fora dos limites do Parque, em zonas rurais, fazendas e povoados da região. Naquele momento, morar “no combro da praia” era o mesmo que morar à beira da estrada, já que a praia de Barra Velha era o caminho de acesso por terra entre as sedes dos municípios de Porto Seguro e Prado.

Seu Patxyó (2022) destaca uma iniciativa de seu pai que teria impulsionado a resistência dos indígenas naquele momento adverso. A narrativa destaca um encontro fortuito entre Manoel Santana e um comprador de ferro velho que passava por aquelas praias, e que teria resultado numa importante viagem de algumas lideranças para reivindicar o território junto aos órgãos do Estado brasileiro:

Esses índios moraram um bom tempo lá, no baranco da praia. Ele conta que quando foi um dia, ele [Manoel Santana] estava imaginando o que que ia fazer ali na beira da praia quando então chegou um senhor comprando cobre (eram painéis, coisas velhas, tachos velhos, coisas antigas...), e perguntou a ele se tinha alguma para vender e ele falou: - Rapaz eu mesmo não tenho não, eu não tenho nada! - Mas os parentes aí, os mais velhos têm painel, algum tacho véio aí.. Foi então que o tal senhor falou assim: - Rapaz vocês estão morando aqui? - Por quê que vocês estão morando aqui? - Vocês moravam numa terra tão boa aí... Foi então que ele contou o que havia acontecido, e da proibição de viverem na área demarcada. Após ouvir a situação dos índios relatada por Santana, o senhor que comprava cobre falou pra ele: - Por que que vocês não vão pro Rio de Janeiro, lá no Rio de Janeiro tem um órgão, que é o SPI⁷, e que trata das questões indígenas, por que que vocês não vão pra lá pra resolver estas questões? - Eles vão ajudar vocês nestas questões aí... Naquele dia o viajante falou pra ele o endereço e explicou que era numa praça que tinha no Rio de Janeiro. Ele era de lá do Rio de Janeiro. Foi então que Santana falou: - Olha, eu vou procurar os meus parentes e ver se nós consegue ir (Patxyó, 2022, p.17-18).

Sobre o desdobramento deste episódio, seu Patxyó nos conta que:

(...) logo após a partida do viajante, ele [Manoel Santana] olhou para ver os índios que tinha mais próximo e foi falar com os colegas. No primeiro momento, os colegas pularam fora, diziam: - Rapaz você tá doido, como é que nós vamos pra lá? -Vamos mexer com isso aí? - E a polícia, moço? E ele falou: - Não moço, primeiro nós vamos conversar com o pessoal, vamos procurar apoio. Aí ele mandou chamar seu tio Epifânio, que nessa época tava morando em Itaúna, o filho de Epifânio, que era Luiz Capitão, e Parmiro. Esse velho [Epifânio] veio e falou para ele: - Nós vai! Então, reuniram mais alguns e pensaram: - Como é que nós vamos? E assim, eles se reuniram à noite para articular essa viagem, porém um dos membros da aldeia que estava ali na reunião foi até a sede do parque falar pra os guardas que os índios estavam se articulando para ir ao Rio de Janeiro reivindicar os seus direitos. Quando foi no outro dia, os guardas chegaram lá na praia falando: - É, nós estamos sabendo que vocês vão pro Rio de Janeiro reivindicar os direitos, quem for pra lá vai, agora quem ficar aqui vai tomar uma surra. Então, os índios que estavam querendo ir ficaram com medo e falaram: - Pô, vou deixar meus filhos, minha mulher e meus filhos aqui pra apanhar desses caras. Foi então que o véio [Epifânio] falou: - Não, eu vou meu filho, vocês têm coragem de ficar? Aí meu pai [Manoel Santana] falou: - Eu ficol - Pode deixar sua mulher mais nós aqui que eu fico, daí o senhor vai. E assim foram o véio Parmiro, Epifânio e seu filho Luiz. Santana ficou tomando conta das mulheres, ele ficou esperando os guardas e eles não apareceram. Mas ainda havia outra questão para ser resolvida: “E o dinheiro?”. Foi então que eles se reuniram e venderam “uns trens velhos” que tinham. Manoel Santana, que estava pescando na época, arrumou um saco de peixe e cedeu um jegue dizendo: - Pega esse jegue, bota cangaia nesse jegue, monta e vai embora pela praia até onde o senhor der de topar com uma passagem. O seu tio Epifânio, que não aguentava andar muito por conta da idade, foi montado até Alcobaça, lá eles deixaram o animal e pegaram um trem para Belo Horizonte e depois para o Rio de Janeiro onde encontraram com o agente do SPI. Eles fizeram a primeira reunião com eles e retornaram à Barra Velha. Um tempo depois que eles retornaram, um pessoal do SPI veio para ver como é que tava a situação em Barra Velha, e dessa época que eles foram para o Rio de Janeiro

pra cá, foi que começou a evolução de novo da conquista do território (Patxyó, 2022, p.18-19).

Diante das denúncias sobre as condições enfrentadas pelos Pataxó, um representante do SPI foi pessoalmente à região de Barra Velha para inteirar-se da situação e conversar diretamente com o chefe do parque, o guarda florestal Siquara. A pesquisadora Maria Rosário de Carvalho (2009, p. 517), que desenvolveu um trabalho pioneiro sobre o povo Pataxó em meados dos anos 1970, afirma que em março de 1964 um gente do SPI estabeleceu contato com Aurélio da Costa Barros, Chefe da 4a. Inspetoria do Serviço Florestal da Bahia, a fim de apurar a situação dos indígenas que se encontravam “perseguidos e privados de trabalhar nas terras em que nasceram, pelos funcionários do Parque”. Após a visita, o agente solicitou providências para que os Pataxó pudessem ter o direito de trabalhar e permanecer na terra, apresentando uma proposta mínima para a demarcação de um quadrilátero de 900 hectares. Mediante o apelo do funcionário do SPI, e sob a ordem de Aurelino da Costa Barros, Siquara demarcou, em 1964, uma área de 210 hectares para os Pataxó, composta principalmente por áreas alagadiças e arenosas (Carvalho, 2009).

A produção etnográfica sinaliza que as primeiras viagens dos Pataxó de Barra Velha para reivindicar seu território foram empreendidas pelo capitão Honório entre 1949 e 1951, seguido por Epifânio e seus filhos Palmiro e Alfredo a partir de 1961 (Carvalho, 1977; 2009; Grünewald, 2008). Estas viagens tiveram como destinos as cidades do Rio de Janeiro e Brasília, onde se localizavam as sedes do SPI e, posteriormente, da FUNAI. Carvalho (2009) identificou na documentação do SPI o registro da primeira passagem do Capitão Honório Borges ao Rio de Janeiro, e transcreveu a carta entregue pelo Pataxó em setembro de 1949 ao órgão federal:

Do capitão Onoro para [sic] os pobres Chefes da ardea de índio de Belo Jardim Monte pasqual. Manda pedir roupa para minhas crianças e pesso feramenta para o meu trabalho faso um pedido que não deixe de atender. Peso o favor de não deixar o pessoal da India tomar minhas terras eles tan tando para panhar, Ardea dos Índios de Belo Jardim Monte Pascual que fica acima de porto Seguro na Bahia (SPI, 1949 apud Carvalho, 2009, p. 512).

Grünewald (2008) cita outra carta encontrada nos arquivos do SPI, que consta seu recebimento no ano de

1951. A carta foi redigida e postada por uma pessoa que encontrou o capitão Honório em Teófilo Otoni, Minas Gerais, a caminho do Rio de Janeiro, e trazia o seguinte conteúdo:

(...) declarando que tencionava avistar com o Presidente da República” e pretendendo reivindicar para a aldeia um “posto para proteção... com posto médico, escola etc.”; uma “identificação da linha, que existe pessoas invadindo essas terras”; “fornecimento de ferramentas agrícolas, roupas, sementes etc”; uma pessoa para introduzi-los nos “novos costumes”; e, por fim, que fosse confiada àquela comarca a proteção dos índios que, tendo muita madeira de lei, produção agrícola etc para se evitar exploração dos mesmos (Grünewald, 2008, p. 180-181).

Infelizmente, o desfecho desta última viagem de Honório acabou envolvendo o capitão e seus parentes de Barra Velha em um trágico incidente, motivado por dois indivíduos que conheceram Honório em Niterói, Rio de Janeiro. Grünewald assim resume o episódio:

Mas, quando estava na sede do SPI, Honório foi lubibriado por dois homens que, se identificando como Tenente e Engenheiro, afirmaram que resolveriam seus problemas e apareceram em Barra Velha e lideraram os índios em um saque a uma mercearia de Prado e a um roubo de uma vaca em Caraíva, fazendo com que as polícias militares de Prado e de Porto Seguro cruzassem, numa madrugada, fogo cerrado na aldeia, fazendo com que os índios se dispersassem pelas matas e fazendas da região (Grünewald, 2008, p. 181).

O “Fogo de 51”, como ficou conhecido este acontecimento entre os Pataxó, causou grande dispersão e marginalização dos indígenas na região. Com a aldeia destruída e massacrados pela polícia, tiveram que viver escondidos nas matas e nas fazendas, sofrendo todos os tipos de privações, exploração e miséria⁸.

A biografia escrita por Patxyó não faz menção direta às experiências de Manoel Santana em relação ao “Fogo de 51”, mas sugere que, desde que se casou, possivelmente no início da década de 1940, ele permaneceu com a família em sua roça no Campo do Boi até 1961.

7 Sobre este episódio, Grünewald (2008) informa que “já no começo dos anos sessenta, chegou o tenente Miravaldo Siquara indenizando os moradores da área, para que desocupassem o Parque” e que só foram indenizadas as plantações de coco, banana, cana, cacau e café, excluindo portanto os principais cultivos Pataxó como a mandioca, abóboras, frutíferas e animais domésticos além dos materiais e produtos extraídos da floresta como a estopa de imbirã e a piaçava(p.187).

8 Este tema tem sido amplamente abordado na etnografia indígena, para maior aprofundamento ver Carvalho(1977) e Grünewald, (2008) e, especialmente, as narrativas escritas recentemente por professores indígenas Pataxó como Guedes, 2017; Santos, 2017; Santos, 2020.

Tais experiências revelam desdobramentos importantes, advindos das primeiras viagens empreendidas por lideranças Pataxó para a reivindicação do território, e nos apresentam alguns exemplos sobre as condições precárias de subsistência e violências sofridas. São episódios críticos que destacaram estratégias de resistência, luta e reivindicação por parte das lideranças e grupos familiares Pataxó diante da perda de seus espaços territoriais.

As narrativas sobre Manoel Santana revelam a importância das roças não apenas como meio de subsistência, mas também como estratégia de enfrentamento aos guardas do Parque Nacional naquele período. Patxyó nos conta que:

Foi então que Manoel Santana reuniu toda a comunidade para botar uma roça. Santana chamou seu irmão Firmo Ferreira e disse: 'Vamos colocar uma roça, quando os guardas vierem eu vou preso por minha comunidade e você tome conta dos outros que ficarem'. Diante de tal iniciativa, seu irmão falou: 'Você só não, eu vou também!' e então mais dois colega também disseram que iriam com eles botar a roça. No dia seguinte todos estavam de prontidão para o trabalho, mas o que não sabiam é que na aldeia tinham três colegas que eram espíões dos guardas. No dia seguinte eles saíram de Barra Velha e vieram no pé do Monte Pascoal falar com os guarda que os índios iam colocar roça. Quando foi a tarde mais de dez guardas chegaram na aldeia, mas para azar deles toda comunidade estava reunida, os guardas partiram todos com as armas em cima dos índios mas os índios não se amedrontaram, partiram pra cima deles também e foi aquela correria, os guardas não tiveram coragem de atirar e nesse momento os pataxó colocaram eles para correr (Patxyó, 2022, p. 20).

Vemos que o cultivo da roça favorece o trabalho comunitário que, neste caso, resultou no enfrentamento coletivo aos guardas do Parque⁹. Carvalho (1977)

9 OTCC de Leandro Braz dos Santos (2017) nos traz um relato igualmente importante sobre o plantio de roças realizados por dona Josefa e seu filho mais velho Ailton Ferreira, como forma de resistência perante os guardas do Parque: "Minha mãe também estava passando por grande sofrimento, entre nós filhos dela, ela tinha seis filhos e tinha o mais velho que se chama Ailton Ferreira e os outros era pequeno tudo criança e passando por grande privação, sem ter o direito de trabalhar e nem os mesmos que tomaram nossas terras não dava nada pra gente sobreviver, então o que eles queriam mesmo era botar a gente à força pra fora de nossa terra, isso era o sonho deles. Mas minha mãe resolveu lutar e falar o direito da gente, então ela mandou meu irmão botar uma roça e ela falou: 'Eu já vi gente preso por roubar, por matar e estrupar, agora por trabalhar eu nunca vi

registrou as práticas dos Pataxó de Barra Velha para a abertura de roças através de sistemas de trabalhos coletivos chamados Relas ou Batalhões. Estes sistemas eram diferenciados conforme o tamanho do empreendimento e o número de pessoas que se reuniam para as atividades¹⁰.

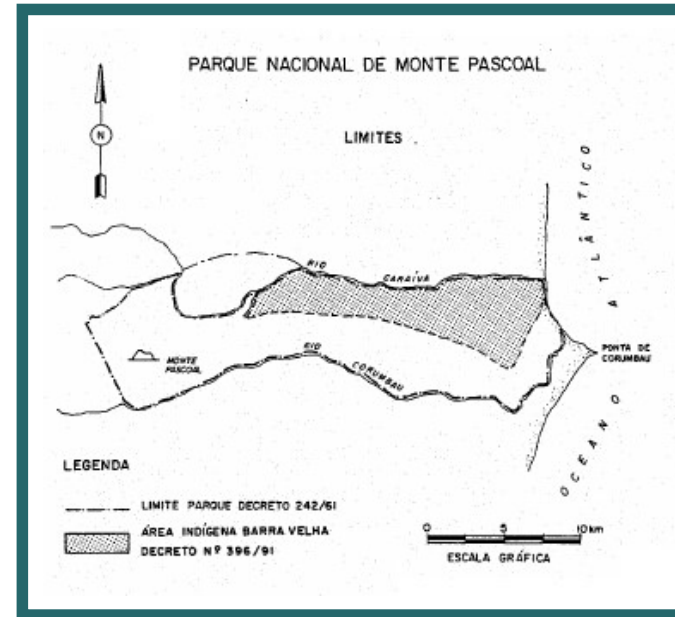
Vemos, portanto, uma diversidade de estratégias que têm pautado a luta Pataxó pelo direito ao território e por melhores condições de vida. Em suas relações com o Estado e a sociedade regional e nacional, se fizeram reconhecidos como um grupo etnicamente diferenciado, portadores de direitos ancestrais sobre o território reivindicado. No contexto de tais iniciativas, as lideranças Pataxó buscaram apoio e alianças para defender seus interesses¹¹.

Patxyó destaca que os conhecimentos de Manoel Santana sobre o território foram fundamentais para a identificação e demarcação da Terra Indígena Barra Velha no início dos anos 1980 pela FUNAI: "Quando foi para demarcar os 8.600 ha do território Barra Velha, ele deu uma grande contribuição para a identificação dos pontos e dos rios no mapa da aldeia, ele conhece todos os pontos referentes à nossa comunidade" (Patxyó, 2022, p. 22).

prender ninguém". Ela falou para meu irmão mais velho: "Você vai botar uma roça que nós não aguenta mais de fome, e se os guardas vim contra você, você não enfrentar as consequências eu em seu lugar que vou responder", essas foi as palavras de minha mãe. Ai meu irmão foi fazer essa roça, e quando ele estava com uns três dias de serviço os servidor do IBDF percebeu que meu irmão estava fazendo o trabalho naquela área, pois todo dia ele ia e voltava então os guardas pesquisaram ele e encontrou ele fazendo a roça. Ai foi o primeiro problema que aconteceu com minha mãe, foi a primeira vez que ela foi ameaçada e presa em Itamarajú por botar uma roça para sobreviver e para dar comida a seus filhos. Mesmo com, isso ela continuou fazendo a roça dela e com uma semana o guardas voltaram no lugar e viram a roça sendo feita e foi quando eles falaram: - você derrubou a roça agora não queime, se a senhora queimar essa roça agora você vai parar na cadeia-. E ela disse: - eu vou queimar porque o difícil já foi feito que era derrubar. Ela foi intimidada várias vezes em Itamarajú, mas nunca deixou de fazer sua roça, como os guardas viu que ela não tinha medo deles, eles deixaram ela plantar a roça dela, na época o índio não tinha condição de comprar arame então ela fez a cerca dela de vara, e quando as plantações estavam todas bonitas o que o guardas fizeram, ele foram lá derrubaram a cerca da velha e colocaram os cavalos deles dentro da roça e arrancaram toda a plantação da velha minha mãe, e foi daí que começou a briga da minha mãe com o IBDF, ela colocava a rocinha dela os guardas ia e derrubava." (depoimento de José Ferreira 65 anos, aldeia Barra Velha, 09 de Junho de 2016, apud SANTOS, 2017, p.58-59).

10 Remetendo à fala de um Pataxó, Carvalho (1977) nos traz a explicação de que "É conforme a despesa. A gente mata uma criação e chama o pessoal pra um dia. (...) quando a despesa é forte dá pra chamar um bocado de gente, ai é um batalhão. Batalhão é quando um roçado de oito, dez tarefas com 20 a 30 pessoas. E com baile (p.245).

11 Em 1971 recebem a primeira visita dos pesquisadores do PINEB, vinculados à Universidade Federal da Bahia; que resultou no trabalho pioneiro sobre os Pataxó de Barra Velha escrito por Maria Rosário de Carvalho entre 1976-1977.



Parque Nacional do Monte Pascoal e área indígena Barra Velha
Fonte — Extraído do Plano de Ação Emergencial para o Parque Nacional do Monte Pascoal, IBDF, 1995

Esta demarcação ocorreu em 1980 e foi reconhecida como "área indígena" pela Funai em setembro de 1982 e homologada como Terra Indígena em 1991. Sobre este período, Carvalho (2009, p. 517) destaca que, através de um acordo com a FUNAI, "O IBDF admitiu que o correspondente à metade norte da área, identificada como território de ocupação tradicional Pataxó, predominantemente composta por brejos arenosos junto ao estuário do Caraíba, passasse ao seu usufruto". No mapa a seguir (Figura 6), podemos identificar a área do Parque Nacional e a reservada aos Pataxó em 1980.

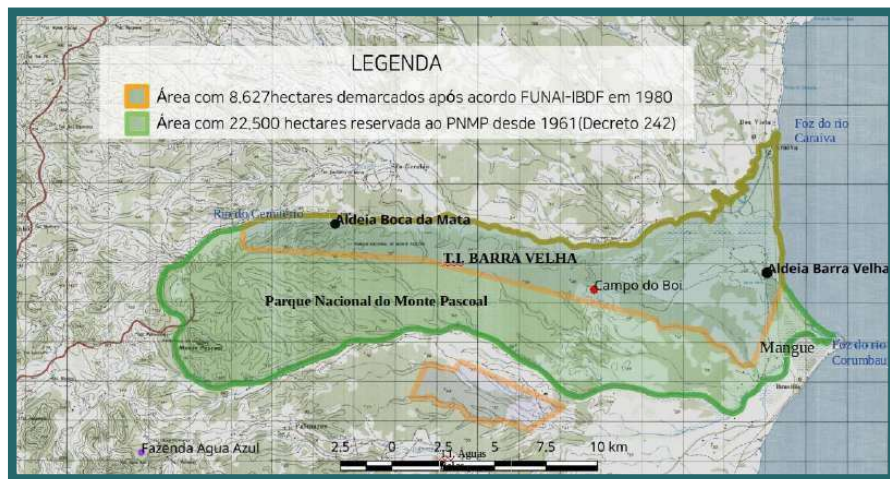
Apesar do evento ter sido comemorado pelos Pataxó, pois enfim tiveram seu território reconhecido, os limites foram amplamente questionados por suas lideranças e pesquisadores que vinham desenvolvendo trabalhos para a caracterização e identificação dos limites da Terra Indígena¹². Carvalho (2009, p. 517) afirma que "O descon-

tamento e a frustração causados pela demarcação de 1980 foram muito grandes entre os Pataxó". Uma fala de Joel Braz, citada por Cardoso, expressa um pouco deste sentimento:

Naquela época quando tiraram tira de terra, um bocado de parente não concordou com jeito da medição. Queriam que fosse de travessa. Metade do Parque e metade do Parque e mangue ficavam dentro. IBDF e Funai fizeram acordo e tiraram mangue, tiraram acima do cemitério e cortaram, só deixando parte de areia (Cardoso, 2016, p. 364).

Na imagem a seguir (Figura 7) podemos observar a área de mangue – considerada fundamental para a

regularização do "território tradicionalmente ocupado" pelos Pataxós, na forma da lei. Resultados preliminares desses estudos estão contidos nos excelentes trabalhos de Agostinho (1980 e 1981) e no já citado de Carvalho (1977). Esses, contudo, jamais seriam oficialmente assumidos, ou sequer tomados em conta, pela direção da Funai, o que resultaria, em 1981, na denúncia do convênio pela Universidade. A direção da Funai, à época, optou por não questionar a legitimidade do Parque Nacional e propor uma "negociação" com o IBDF para partilha da sua área, alternativa evidentemente interessante para o órgão florestal" (p.39).



Mapa áreas demarcadas para a Terra Indígena Barra Velha e Parque Nacional do Monte Pascoal
Fonte — Elaborado pelo autor a partir de Planta Cartográfica (IBGE, 1983)

subsistência alimentar dos Pataxó – localizada próxima à foz do rio Corumbau.

Diante deste novo contexto de segurança jurídica sobre o território demarcado, iniciou-se um processo de formação de aldeias Pataxó dentro da área demarcada, como é o caso da aldeia Boca da Mata, identificada no mapa anterior.

Conforme a narrativa dos mais velhos, a área onde se formou Boca da Mata começou a ser reocupada pelos Pataxó entre os anos 1960 e 1970 e era utilizada como ponto de apoio quando algumas famílias se deslocaram de Barra Velha em busca de novos espaços para caçadas, extração de piaçava e outros recursos da floresta naquela região (Santana, 2016). No trabalho de Cardoso (2016) há uma menção feita por Mathias Santana, filho de Manoel Santana, sobre as incursões de seu pai na região antes da formação da aldeia Boca da Mata:

Nós morava em Barra Velha, só que pai ficava aqui [Boca da Mata] trabalhando e nossa família ficava lá. Ele ficava aqui sozinho. Ele tem até uma toada ‘eu sou caboclo palmeiral, quando vim da e minha aldeia’, tá entendendo? ‘Eu trago arco e trago flecha para ficar na terra alheia’. Foi quando ele chegou logo e ele não sabia que terra era e chamava de terra alheia. Mas já era de Barra Velha” (Cardoso, 2016, p. 180).

Já no início dos anos 1980 havia algumas famílias plantando roças e residindo de modo permanente na região de Boca da Mata. Patxyó nos conta que, naquele contexto, seu pai Manoel Santana se juntou a outras famílias para buscaram apoio institucional para a fundação da Aldeia:

Santana se reuniu com as lideranças da aldeia e decidiram criar a sede da Aldeia Boca Mata. Com a sede pronta, a aldeia tinha autonomia para criar os seus próprios projetos e deixar de ser extensão de Barra Velha. Então eles foram até a Funai, ao CIMI e à ANAI e começaram a fazer os seus projetos para a aldeia Boca da Mata (...)ele realizou muitas atividades tanto na busca da saúde quanto na educação. Ele lutou pelo desenvolvimento da aldeia quando passamos a depender da política do homem branco e passou a cobrar pelo social da aldeia (Patxyó, 2022, p. 24).

Vemos aqui que Manoel Santana desempenhou papel de destaque na formação da Aldeia Boca da Mata. Neste processo, os Pataxó ampliam suas relações com as instituições do governo e representantes dos interesses indígenas na região. Sobre a organização dos Pataxó naquele contexto, Carvalho explica que, ao longo daquele período, houve iniciativas importantes no âmbito da

organização social e política dos Pataxó, entre as quais destaca:

(...) as assembleias indígenas, internas e externas, a formação de novos líderes, com maior domínio do aparelho burocrático, um processo crescente de escolarização e a criação da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME). Sob o estímulo da APOINME, surge o Conselho de Caciques do Sul e Extremo-Sul da Bahia, que passa a articular e planejar o movimento regional, em progressiva conexão com o movimento indígena suprarregional (Carvalho, 2009, p. 518).

Contudo, além das estratégias de articulação para a conquista e a defesa do território em nível regional, foram necessárias iniciativas para garantir a sobrevivência das comunidades em nível local. Foi diante destes novos desafios que, no início dos anos 1980, Manoel Santana foi escolhido como cacique da Aldeia Boca da Mata.

Patxyó (2022) retrata algumas estratégias adotadas por seu pai para manter unida e mobilizada a comunidade na aldeia. Enquanto líder, Manoel Santana aconselhava o cultivo de roças e a escolarização como meios de subsistência e projeto de futuro para os indígenas na região. Neste sentido, Patxyó destaca que:

(...) no seu tempo de cacique toda família da aldeia tinha uma roça da família onde todos trabalhavam em forma de mutirão. Trabalhavam o mês todo, cada dia para uma família na aldeia. Isso era programado antes, onde todos se preparavam pois sabiam que naquele mês todos iriam colocar roça, não ficava ninguém sem botar roça, até os homens da aldeia que não tinham mulher tinham roça, pois eles também participavam dos trabalhos comunitários (Patxyó, 2022, p. 24).

No contexto destas articulações, os indígenas passaram a reivindicar o acesso à educação escolar e de nível superior, para que pudessem assumir papéis relevantes na condução das questões territoriais e do cotidiano das comunidades. Estas expectativas com a formação escolar eram direcionadas sobretudo às gerações mais jovens:

O seu lema era que os jovens da aldeia pudessem encontrar uma maneira de trocar o arco e a flecha pelos livros e os cadernos, ele sabia que através da escola os jovens iriam encontrar novos conhecimentos para

melhor dialogar com as autoridades do país para o reconhecimento de seus espaços de sobrevivência (Patxyó, 2022, p. 58).

É interessante esta metáfora em que “os livros e os cadernos” aparecem como força equivalente ao “o arco e a flecha”. Assim, se a roça, como vimos, era vista como meio de subsistência e organização familiar no território, o arco e a flecha aparecem como instrumentos de defesa e enfrentamento necessários para se transitar em um lugar desconhecido ou em disputa. Lembremos a toada de Manoel Santana: “Eu trago arco e trago flecha para ficar na terra alheia”.

Patxyó (2022) nos conta que, já no início dos anos 1980, funcionava uma escola na aldeia Boca da Mata feita de taipa pela própria comunidade e com professores contratados pela Funai. No início dos anos 1990, o município de Porto Seguro implementou uma escola e um posto de saúde. Sob este novo contexto, Manoel Santana passou a mobilizar a comunidade para assumir a responsabilidade pelo funcionamento destas instituições:

Então, ele tinha um lema com ele e falava para as pessoas assim: “o seu dinheiro está no banco!”. O povo, ouvindo isso ficava assustado e perguntava: “Como o meu dinheiro está no banco?” No que ele respondia: “É muito simples, é só você estudar, estamos precisando de profissionais para trabalhar na aldeia”. O sonho dele era criar os seus próprios profissionais nas suas áreas de trabalho, tanto na saúde, na educação, no saneamento, etc. Assim ele brigou para a construção de um bom colégio na comunidade onde as crianças deveriam estudar e formar os seus professores indígenas (Patxyó, 2022, p. 28).

Sobre esta questão, Patxyó (2022) destaca uma conversa que teve com o seu pai e que teria resultado em uma mudança importante na sua trajetória de vida.

Eu, por exemplo, estudei até a quarta série em Barra Velha, quando começou a escola lá. Depois, eu vim para Boca da Mata em 1980, não tinha nada aqui, era tudo mata, as primeiras roças foram abertas em 1978 e 1979. Em 1980 eu mudei para cá e, muito tempo depois, eu lembro que um dia eu tava doente, estava trabalhando doente, com febre, e meu pai chegou lá, se sentou num pau e eu peguei conversar mais meu pai. Então ele chegou para mim e falou assim, eu lembro que nem hoje, ele falou assim: “-Olha, você vai ter que parar de trabalhar

na roça e você vai ter que estudar”. Naquele tempo já tinha a escola em Boca da Mata, mas como eu tinha muitos filhos, dez naquela época, então eu falei para o meu pai: “Como é que eu vou pra escola? Pai, como é que eu vou pra escola com essa gente de menino pra cuidar?”. E ele falou: “- Não, você tira um tempo, você tira um tempo pro seus estudos, você trabalha de dia e de noite você... uma horinha que você vai estudar...”. Foi então que eu botei na minha cabeça e falei: “- Poxa, então é isso mesmo que eu vou fazer!”. E ele falou: “- Porque quando você chegar cá na minha idade você não vai ter fôlego pra você ficar puxando enxada não”. Então eu pensei: “- E agora heim?”. Naquele tempo, os filhos obedeciam os pais, e é o que eu tenho falado aqui: eu fui de um tempo que o respeito que os filhos tinham pelo pai era diferente. Então eu voltei para a casa e falei para a minha mulher a conversa que eu tinha tido com meu pai. Naquela ocasião a minha mulher deu um pulo e falou: “- Ôh, negativo! -Você vai fazer o que na escola?”. Então ela jogou água no meu pensamento, mas mesmo assim eu falei: “- Rapaz, eu vou enfrentar e vou fazer o pedido do meu pai!”. E assim, eu peguei um livro, comprei um caderno e na hora de eu ir pra escola eu abracei meu caderno e fui pra escola. Chegando na escola eu topei com uns camarada que me falaram: “- Ôi, ele bota o caderno igual as muié!”. Mas assim mesmo fui. Na volta, vindo da escola eu topei um compadre meu e falei: “-Compadre, bora pra escola moço, mais eu?”. E ele falou: “- Rapaz o que você vai fazer lá moço? -Para com isso moço, tu não aprende nada mais não!”. Ele falou: “- Vai trabalhar em sua roça rapaz, é melhor, você vai pra escola perder o seu tempo, não vai aprender nada!”. Aí voltei com a cabeça assim, teimando, não incentivam você a fazer escola depois de grande. Mas eu não desisti. Comecei a estudar e já no segundo ano de escola me convidaram para dar aula de cultura (...) Depois uma pessoa da secretaria me falou: - Se você vai estar dando aula, você vai ter que fazer um curso, você vai ter que fazer o magistério. Para fazer o magistério eu teria que viajar para Eunápolis, Salvador e Porto Seguro, onde aconteciam as aulas. Nesse primeiro momento, a minha mulher não aceitou, a família em casa não apoiou, mas eu ingressei no curso mesmo assim. E foram oito anos de luta até eu me formar. Depois, quando a minha mulher viu que aquele trabalho estava virando uma renda, ela começou a me apoiar e começou a mudar, a ter uma visão diferente sobre os estudos. Foi então incentivado pelo meu pai Manoel Santana que começamos e hoje eu estou na faculdade, cursando a

Licenciatura Intercultural Indígena no IFBA de Porto Seguro (Patxyó, 2022, p. 9-11).

O enfrentamento das dificuldades sinalizadas por Patxyó, que retorna à escola “depois de velho”, aponta para a força motivadora dos conselhos de Manoel Santana no processo de engajamento e motivação das famílias Pataxó para a formação escolar na comunidade. Tal engajamento reflete as expectativas sobre os projetos de futuro empreendidos pelos Pataxó naquele período. Vemos neste episódio o papel complementar da educação na luta por melhores condições de vida e protagonismo na condução das demandas internas da comunidade.

De modo paralelo às estratégias de acesso aos direitos sociais como saúde, educação e infraestrutura, Patxyó (2022) destaca ainda os ideais de preservação da área de Mata Atlântica defendidos por Manoel Santana, vistos enquanto estratégia na luta pelo território. Ele costumava dizer aos mais jovens: “Quando você ir na mata derrubar uma árvore, derrube uma e plante duas porque nunca vai faltar, sempre vai ter” (PATXYÓ, 2022, p.27). Sua biografia destaca que, desde os primeiros conflitos com o IBDF nos anos 1960, seu Manoel Santana já havia se sensibilizado para esta questão:

(...) ainda jovem, tinha na sua mente um projeto que poderia lhe ajudar na conquista do território. Ele teve um sonho onde uma pessoa lhe disse: “faça um viveiro de plantas nativas para reflorestar as áreas degradadas do território e assim resolver os problemas com o IBDF”, órgão com o qual viviam sempre em constantes conflitos (Patxyó, 2022, p. 19-20).

Tais ideais tiveram um papel central no processo que resultou na retomada do Parque Nacional do Monte Pascoal no ano de 1999. A conjuntura política e simbólica que envolveu a celebração do Estado brasileiro sobre os 500 anos do descobrimento do Brasil na região impulsionou os Pataxó a se reunirem para reivindicar a ampliação de seu território. Sobre este período, Cardoso (2016) relata que, às vésperas da data da celebração, houve uma reunião na aldeia Boca da Mata, onde Manoel Santana era cacique, e participava junto com outras lideranças Pataxó das negociações para a resolução das questões territoriais diante do órgão ambientalista do governo, ONGs e indigenistas:

Um alvoroço tomava conta das aldeias no Monte Pascoal. Beirava a festa dos 500 anos em Porto Seguro e os Pataxó reivindicavam a ampliação e demarcação de suas terras. Com os rumores de que haveria retomada da sede do Parque Nacional Monte Pascoal, autoridades dos órgãos ambientais e dirigentes de organizações conservacionistas se dirigem à aldeia Barra Velha para tentar “acalmar” os ânimos e ver saídas para o não rompimento das cercas que separam as aldeias da floresta do Parque Nacional, entre humanos e a vida silvestre. Na primeira reunião em Barra Velha, houve garantia de não ocupação. Em Boca da Mata, no dia 16 de agosto de 1999, o clima estava mais quente, diríamos: os representantes do órgão ambiental federal e das ONGs falam sobre o Parque, que deveria ser cuidado, a área cercada e que estava acontecendo muito fogo e que os índios tinham que cuidar da parte que era a área deles, pois o fogo estava prejudicando a área do Parque. Seu Manuel Santana, liderança e rezador, se levanta e diz num ato diplomático que é importante ter o Ibama como parceiro e que todo mundo devia contribuir com o plantio (reflorestamento) no Parque. Por exemplo: sugeriu fazer uma cerca de plantas na linha de fundo na borda da mata plantando jaca, abacate e outras frutas que o próprio macaco e outros animais comeriam e evitaria o fogo também. Ele mesmo fazia a parte dele plantando cajueiros, jaqueiras, mangueiras, dendezeiros e outras plantas. Nesse momento, a chefe do Parque se manifesta: “- Se plantar essas exóticas, nós vamos ter que cortar, porque não pode plantar no Parque”. Diz seu filho Oziel, presente neste evento, que foi o mesmo que bater nele, foi o mesmo que dizer “vai logo tomar o Parque”. Manoel se levanta e responde com força: “- Então quero ver se você arranca... Agora entendi, vocês não querem proteger a natureza, vocês querem a nossa terra!” (Cardoso, 2016, p. 24).

Três dias após essa reunião, a sede do Parque Nacional foi retomada. Nesta ocasião, os Pataxó publicaram uma “carta às autoridades brasileiras”, visando dialogar com a sociedade nacional e externalizar as motivações e legitimidade desta retomada. O documento declarava que:

(...) conscientes de que o Parque Nacional está dentro dos limites de nossa terra, conforme a história de nossos anceios, decidimos imediatamente RETOMAR o nosso território, neste dia 19 de agosto de 1999, protegidos pela memória dos antepassados, protegidos pelo direito

constitucional [...] pretendemos transformar o que as autoridades chamam de Parque Nacional do Monte Pascoal em Parque Indígena, terra dos Pataxó, para preservá-lo e recuperá-lo da situação que hoje o governo deixou a nossa terra, depois de anos na mão do IBDF, atual IBAMA, que nada fez a não ser reprimir os índios e desrespeitar nossos direitos. Queremos deixar claro para a sociedade brasileira, para os ambientalistas, para as demais autoridades que não somos destruidores da floresta, como tem sido proclamado [...]. Vamos celebrar os 500 anos em nossa terra, receberemos os nossos parentes de todo o Brasil aqui, no Monte Pascoal, único local possível para construirmos o futuro com dignidade. [...] Mais uma vez pedimos o apoio de toda a sociedade brasileira (Carvalho, 2009, p. 518-519).

Dando sequência a estes eventos, as lideranças Pataxó redigiram outro documento, em que são manifestos os propósitos gerais e as ações estratégicas para a manutenção da área de preservação ambiental:

1. Os caciques reafirmam que as terras tradicionalmente ocupadas e reivindicadas são inegociáveis. 2. Fica também o compromisso de que a terra Pataxó do Monte Pascoal é de plena preservação, não tendo nenhuma possibilidade de desmate ou degradação ambiental de sua floresta, ao contrário, devemos iniciar a recuperação das nossas aldeias em volta do Monte Pascoal. 3. Pretendemos envolver todos os órgãos responsáveis, entidades ambientalistas interessadas em nossas propostas, indigenistas e setores do governo verdadeiramente dispostos a nos ajudar, na preservação do meio ambiente e na auto-sustentação do povo Pataxó (Sampaio, 2000, p. 45).

Estas condições de interação e rupturas entre os povos indígenas, o Estado e a sociedade nacional têm agregado novos argumentos para o diálogo e produzido instrumentos para a luta territorial Pataxó. Patxyó (2022) nos conta que, diante deste contexto, Manoel Santana teria buscado meios de colocar em prática sua ideia de preservação ambiental na aldeia Boca da Mata. Conforme sua narrativa:

(...) ele reuniu as pessoas da comunidade e mostrou a sua ideia. E assim, esse projeto cresceu tanto que se tornou uma cooperativa de plantas nativas (COOPLANJÉ) e hoje se tornou uma fonte de renda para algumas famílias

que viviam da confecção de artesanatos¹³ e que precisavam de outro tipo de renda para sobreviver. Aos poucos esse projeto foi se tornando grande e hoje as mudas são vendidas para empresas que fazem reflorestamento na aldeia e fora da aldeia (Patxyó, 2022, p.27).

Tais iniciativas resultaram na criação de um viveiro de mudas de árvores nativas, em 2003, no quintal de Manoel Santana, e em 2014 foi instituída a COOPLAN-JÉ, uma cooperativa de reflorestamento presidida pelo seu filho, Matias Santana, com apoio e financiamento de entidades como o BNDES, a ONG Natureza Bela e a empresa Veracel Celulose (Pires, 2020).

Vemos nessas passagens que a questão ambiental passa a ser central para a legitimidade da luta Pataxó pelo direito ao território reivindicado. Diante destes embates, que reforçavam as contestações sobre a área demarcada em 1980, um novo Grupo de Trabalho para o estudo e identificação dos limites da Terra Indígena Barra Velha e Monte Pascoal foi designado a partir das portarias nº. 685, de 18 de agosto de 99, e nº 1.262, de 2000.

A fim de contribuir com a redefinição destes limites, Manoel Santana elaborou um mapa do território. O mapa articula rios, mar, montes e serras com os locais tradicionais de habitação das famílias indígenas na região. Lugares marcados pela abertura de roças, cemitérios e moradias ligados por caminhos ancestrais e que estavam fora da área demarcada. A imagem a seguir, apresenta o mapa produzido por Manoel Santana intitulado “Carta ao Presidente da República”:

Este mapa é mencionado nos trabalhos de Parra e Cardoso (2008), que o teriam conhecido durante a realização do “Etnomapeamento e zoneamento agroextrativista do complexo aldeias Pataxó - Parque Nacional do Monte Pascoal”¹⁴. Alguns anos mais tarde, em sua Tese de Doutorado, Cardoso descreve o encontro com seu Manoel Santana, quando este lhes apresentou o mapa:

Sentados em sua varanda, Manuel pediu para Matias pegar o “mapa dele”. Esse mapa, quando adentrou em nosso campo de visão, nos encantou de imediato. Era um mapa elaborado em papel metro pardo, com cerca de um metro e meio de comprimento e um de largura. Nele estavam todos os rios, córregos e o Monte Pascoal, desenhados em hidrocor vermelho e azul. Escritos à caneta e a lápis, os nomes colocados em cada ponto do mapa indicavam os lugares dos antigos moradores, já falecidos e alguns vivos. Outros nomes indicavam lugares na escala mais ampla, como o Céu, o Anjo, a Onça. O mapa possuía um texto no cabeçalho e em seu lado dizia: “Carta ao presidente da República: Estamos contando com vossa senhoria que nós estamos sem a nossa terra no revés dos brancos e madeireiros. Por este motivo, ao senhor eu estou pedindo, porque o senhor é nosso presidente e o único homem que, abaixo de Deus, eu tenho fé, coragem e esperança que vai resolver”. O texto ao lado dos traços e nomes complementa o título e o desenho com uma descrição dos moradores de cada lugar. Este mapa foi elaborado por Manuel com ajuda de seus filhos durante o processo de demarcação da Terra Indígena Barra Velha, iniciado após as retomadas de terra em 1999 (Cardoso, 2016, p. 83-84).

Cardoso apresenta um pouco da narrativa de Manoel Santana sobre o conteúdo de seu mapa:

Próximo ao Monte (ou Pé da Pedra), apontou Manuel “tinha gente dono mesmo, outros índio Pataxó também, eram muitos”. Passando os dedos pelo mapa ele apontava os moradores antigos, “Aqui chamava uma índia chamada Isaura, ali em Riba, na Cassiana, morava João Curuca, mané Nuni, Caboclo Bode e...essa menina? Cassiana e lá em riba morava Francisca. Lá no pé do Monte morava, onde chama Céu Azul, morava essa menina, chamava Mariazinha. Pro lado de onde mora Braga morava Pedro Cravo. Mais pra cima morava Manoel Severo, tudo índio! (Cardoso, 2016, p. 84).

¹³ Ao buscar alternativas de renda para o sustento das famílias, no início dos anos 1990 a aldeia Boca da Mata ganha destaque com a produção artesanal de gamelas, cochos e colheres de paus, produzidas dentro do território a partir do trabalho familiar com a madeira nativa da região.

¹⁴ Trata-se do Relatório da Consultoria – Produto II Etnomapeamento e Zoneamento Agroextrativista do Complexo Aldeias- Parque Nacional Monte Pascoal (PNMP) e seu entorno, realizados pelos consultores Thiago Mota Cardoso e Lillian Bulbarelli Parra em 2008, realizados a partir do Contrato 2007/001572.

Manoel Santana indicando os lugares Pataxó em seu mapa, Aldeia Boca da Mata, 2008
Fonte — Parra (2016)





Aldeias na área identificada e delimitada da TI Barra Velha do Monte Pascoal
Fonte — Cardoso, Parra e Pinheiro (2017)

Para Cardoso (2016), esta iniciativa reflete a necessidade de demonstração do quão antiga é a ocupação Pataxó, em contraponto aos mapas oficiais, que destacam a unidade de proteção integral sobre o território Pataxó e as fazendas em seu entorno, ignorando gravemente a presença indígena na região. De modo complementar, Parra (2016, p. 147) sinaliza que: “(...) seu Manoel passa a agregá-lo como parte dos conhecimentos adquiridos em suas “andanças” pelo mundo, os quais permitiu ver a importância que os mapas adquirem na tomada de decisão territorial”. O título e o subtítulo desse mapa também incorpora a estratégia das primeiras lideranças no envio de cartas às autoridades do Estado e seus ilustres interlocutores, neste caso: o Presidente da República.

Contudo, o GT criado em 2000 não concluiu os estudos no tempo previsto e em 2006 uma nova portaria recriou o GT de identificação e delimitação do território Pataxó. Concluído em 2007 e publicado em 2008, o novo relatório da FUNAI¹⁵ identifica como de uso tradicional dos Pataxó uma área de 52.748 hectares, que abrange os municípios de Porto Seguro, Itamarajú, Itabela e Prado. Naquele momento foram identificadas 22 comunidades e mais de cinco mil indígenas vivendo dentro de seus limites. Na imagem a seguir (Figura 9), podemos ver as aldeias que hoje se encontram dentro deste novo perímetro.

Neste período foram realizadas novas retomadas e ocupações de fazendas localizadas no interior da área demarcada. Estas ocupações eram utilizadas, principalmente, como meio de exercerem pressão política para a homologação da área revisada. As retomadas não cessaram, como aponta Cardoso (2016), sendo que em 2014 a FUNAI registrou 14 fazendas ocupadas pelos Pataxó dentro da área reivindicada nos estudos de revisão da Terra Indígena Barra Velha do Monte Pascoal (Cardoso; Parra; Pinheiro, 2017).

O processo de demarcação da Terra Indígena Pataxó do Monte Pascoal está parado desde a publicação do RCID, em 2008. Em 2013, grupos de fazendeiros e o sindicato rural de Porto Seguro tentaram anular a demarcação na justiça, mediante seis mandados de segurança protocolados no Superior Tribunal de Justiça (STJ), assim impedindo a publicação da Portaria Declaratória da área pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública. Os pedidos de anulação da demarcação baseiam-se na tese do marco temporal¹⁶. Em 2019, a Primeira Seção do STJ derrubou por unanimidade a liminar e reconheceu a legitimidade da demarcação da TI Barra Velha. Diante dessa derrota, os fazendeiros recorreram ao Supremo Tribunal Federal (STF), instância onde ainda tramitam cinco das seis ações abertas em 2013.

¹⁵ A tese limita o reconhecimento das terras indígenas tendo por parâmetro apenas aquelas que estavam sob ocupação ou reivindicação na data da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988. Em 21 de setembro de 2023, a tese do marco temporal foi considerada inconstitucional pela maioria dos ministros do STF.

¹⁶ Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID) FUNAI 2008.



considerações finais

Manoel Santana faleceu no dia 25 de abril de 2023 e deixou seu legado de luta, resistência territorial e cultural entre os Pataxó. Suas experiências em vida representam uma geração que lutou incansavelmente pela demarcação dos territórios Pataxó e nos permitem compreender sua influência direta sobre o contexto das lutas e reivindicações em torno do território indígena de Barra Velha do Monte Pascoal. Elas também tem servido como inspiração para as lideranças Pataxó, que hoje atuam nas diversas organizações indígenas em nível local, regional e nacional, como, por exemplo, a FINPAT (Federação Indígena das Nações Pataxó e Tupinambá do Extremo Sul da Bahia); o MUPOIBA (Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia); a APOINME (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo), e a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil).

As lutas indígenas pelo direito ao território destacam experiências de relação com as instituições do Estado e a sociedade nacional e regional. O contato com tais narrativas pode ser visto como um recurso importante para a quebra de paradigmas essencializadores e genéricos sobre

os povos indígenas e a questão territorial indígena no Brasil, destacando seus modos próprios de atuação no contexto étnico, comunitário e territorial.

O percurso biográfico de Manoel Santana mostra que, na medida em que nos aproximamos das experiências de vida desta importante liderança Pataxó, também entramos em contato com seus projetos e expectativas de vida no campo da cultura, do território e da sustentabilidade econômica e ambiental. A compreensão de tais expectativas dos povos indígenas para o presentes e o futuro de suas comunidades deve ser considerada primordial para o contexto das relações étnico-raciais no mundo contemporâneo.

Sua memória de luta viverá para sempre na história do povo Pataxó. Velado em Boca da Mata, seu sepultamento aconteceu na Aldeia Barra Velha, conforme a sua vontade.

referências bibliográficas

BOMFIM, A. B. Patxohã, língua de guerreiro: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. 2012. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BRAZ, U. C. Iô êtxawê ùpú Atxohã Patxohã uí Kijêtxawê Txihihã Pataxó Arahuna'á Makiami: Hât uhãdxê ùpú nioniêmã fap'bwã uí atxohã Patxohã O ensino de Língua Patxohã na Escola Indígena Pataxó Barra Velha: Uma proposta de material didático específico. 2016. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CANCELA, F. De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga Capitania de Porto Seguro (1763- 1808). 2012. 338f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARDOSO, T. M.; PARRA, L. B.; PINHEIRO, M. B. Retomadas em Movimento: notas sobre a territorialização Pataxó. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária. GT 3 – Práticas e conflitos nos territórios dos povos indígenas. Anais [...], Curitiba, 2017, p.1-25. Disponível em: https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt03_1506915803_arquivo_parra_pinheiro_cardoso_01_10_2017.pdf. Acesso em: 31 jan. 2024.

CARDOSO, T. M. Paisagens em transe: uma etnografia sobre a poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. 2016. 524f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CARDOSO, T. M.; PARRA, L. B. Etnomapeamento e zoneamento agroextrativista das aldeias Pataxó do Monte Pascoal. Brasília: MMA/PNUD, 2008 (Relatório técnico).

CARVALHO, M. R. O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. Caderno CRH, Salvador, v. 22, n. 57, p.507-521, Set./Dez. 2009.

CARVALHO, M. R. Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico. Salvador: Dissertação de mestrado apresentada na UFBA, 1977.

CARVALHO, M. R. Pataxó - Luta por demarcações.

Povos indígenas no Brasil. Instituto Sócioambiental, s/d. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FUNAI. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Araguaçã: Plano de Gestão Territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

FUNAI. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Relatório circunstanciado para a identificação e delimitação da Terra Indígena Comexatiba (Cahy/Pequi): Município de Prado (BA). Portaria no 1.455/PRES, de 29 de novembro de 2006.

GUEDES, I. S. Pataxó quer o seu território de volta: o Parque Nacional do Monte Pascoal como unidade de conservação e terra indígena. 2017. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais e Humanidades). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2017/TCC-IRAIA.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

GRÜNEWALD, R. A. O Aldeamento, o Fogo e o Parque: Resistência Pataxó em Barra Velha. In: AGOSTINHO DA SILVA, Pedro Manuel et al. (Org.). Tradições Étnicas entre os Pataxó no Monte Pascoal: subsídios para uma educação diferenciada e práticas sustentáveis. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008, p.121-154.

IBDF. Instituto Brasileiro de Defesa Florestal. Plano de Manejo Parque Nacional de Monte Pascoal. S/d (160p). Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/arp/997>. Acesso em: 10 out. 2021.

LACERDA, A. P. C. T. Laços de amor e amizade: a família escrava em Serrinha. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Anais [...]. Fortaleza, 2009.

MAXIMILIANO, W. Viagem ao Brasil. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. 2a Ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1958.

NASCIMENTO, Ibuí Souza. Caraíva Velha: a vila Caraíva como território Pataxó. 2017. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017a. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades. Disponível em: https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/monografias_2017.htm. Acesso em: 12 dez. 2021.

PARRA, L. B. Práticas de mapeamento e territorialidades: Uma experiência entre os Pataxó do Monte Pascoal. 2016. 241f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

PARRA, L. B.; CARDOSO, T. M. Etnomapeamento e zoneamento agroextrativista do complexo Aldeias-Parque Nacional do Monte Pascoal. Brasília: MMA / PNUD, 2008.

PATXYÓ, J. R. S. MANOEL SANTANA: a história de um herói Pataxó que lutou para a sustentabilidade do território e uma vida melhor para sua família e comunidade. 2022. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena). Instituto Federal da Bahia, Porto Seguro, 2022.

PIRES, M. D'A. de A. B. A sobrevivência do povo Pataxó e a luta pela terra (aldeia Boca da Mata). 2020. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SAMPAIO, J. A. L. Breve história da presença indígena no extremo sul baiano e a questão do Território Pataxó do Monte Pascoal. Cad. hist., Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 31-46, jul. 2000.

SANTANA, C. P. Cantos tradicionais Pataxó na língua patxohã. 2016. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SANTOS, E. B. A história da demarcação da terra indígena Barra Velha. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SANTOS, L. B. História do ponto de vista Pataxó: território e violações de direitos indígenas no extremo sul da Bahia. 2017. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais e Humanidades). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.